



O MOVIMENTO FEMINISTA NEGRO E A FORMAÇÃO ACADÊMICA

Camila Gabriele Branco de Lima Magalhães¹

Eixo Raça, racialização e racismo: Gênero, sexualidade, corpo, raça e interseccionalidade.

Palavras-chave: feminismo negro; mulheres negras; formação acadêmica; educação.

INTRODUÇÃO

Dada a uma construção histórica e social, a mulher é tida como o sexo frágil. Diante dessa visão, o feminismo vem com o objetivo de quebrar esses paradigmas oferecendo-lhes a liberdade de escolha e expressão para que sejam livres para definir quem querem ser. No entanto, destacamos as mulheres negras que, historicamente, não eram consideradas.

Por décadas, não houve visibilidade e representatividade negra. Dessa forma, percebe-se o feminismo negro como um movimento que impulsiona mulheres e legitima suas trajetórias para que adentrem âmbitos sociais que anteriormente não eram adentrados por falta de representabilidade.

Assim, destacam-se as áreas da educação que são de extrema importância na representatividade de mulheres negras, visto que é neste espaço que há trocas de conhecimentos tendo a possibilidade de dar visibilidade às questões de raça e gênero.

Para a escrita deste resumo, utilizou-se de uma pesquisa bibliográfica que visa evidenciar o feminismo como parte fundamental para o acesso e permanência de mulheres negras no ensino superior, ocupando espaços que antes não as eram destinadas.

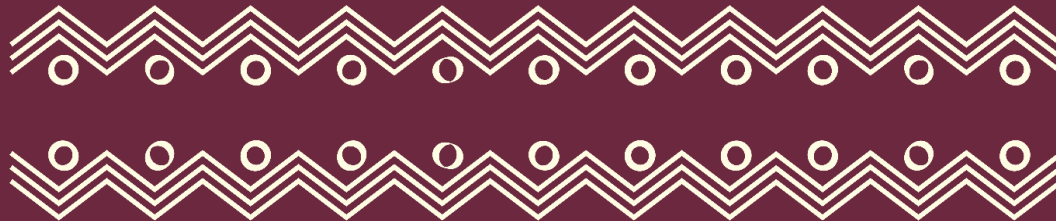
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diante às diferenças nas expressões e pluralidades étnico-raciais existentes, as mulheres negras não se sentiam totalmente incluídas nos embates do movimento feminista, dado que mulheres negras possuem referenciais específicos a esta categoria e não podem ser considerados como universais.

A consciência de que a identidade de gênero não se desdobra naturalmente em solidariedade racial intragênero conduziu as mulheres negras a enfrentar, no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres, particularmente entre negras e brancas no Brasil. (CARNEIRO, 2003, p.10).

É válido destacar que a opressão sofrida pela a mulher negra não é menos importante que a da mulher branca, entretanto é preciso compreender que a mulher negra vivencia uma gama de desvantagens

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia - Sociedade Educacional de Três de Maio - SETREM, camilgbl24@gmail.com



sociais resultando em posição social inferior às mulheres brancas. Sofre assim, o peso da dupla discriminação: raça e gênero.

Dessa forma, a presença e o ativismo de mulheres negras foram essenciais para mobilizar a reivindicação de direitos que as contemplassem. Deste modo, o movimento foi ganhando espaço e visibilidade, em razão de que suas reivindicações eram por dignidade e respeito também com as mulheres negras.

“(…) Gostaríamos de deixar claro que não é nossa intenção provocar um racha nos movimentos sociais como alguns elementos acusam. Nosso objetivo é que nos mulheres negras comecemos a criar nossos próprios referenciais deixando de olhar o mundo pela ótica do homem tanto do negro quanto o branco ou pela da mulher branca. O sentido da expressão criar nossos próprios referenciais e que queremos estar lado a lado com as (os) companheiras (os) na luta pela transformação social quer nos tornar porta vozes de nossas próprias ideias e necessidades, enfim queremos uma posição de igualdade nessa luta” (ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES 1 boletim informativo Rio de Janeiro de 1988 apud Ribeiro, 1995).

No que tange a formação acadêmica, há inúmeras possibilidades, porém, tratando-se de mulheres negras, o “Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que apenas 10% das mulheres negras de todo país conseguem concluir o Ensino Superior, devido aos fatores estruturais mantenedores de desigualdade”. (CARTA CAPITAL, 2017 apud VAZ; SALES, 2020, p.82).

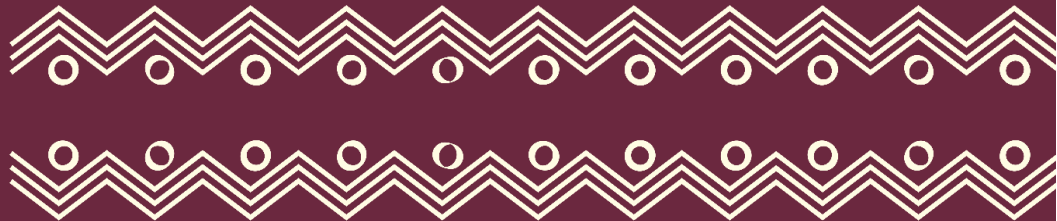
O acesso à educação para as mulheres foi um processo demorado, para as mulheres negras, mais ainda. É sabido que muitas coisas foram negadas às mulheres negras, refletindo até hoje em nosso meio, assim se dá importância de compreendermos a relevância das mulheres negras estarem, aos poucos, conquistando esses novos espaços por direito.

Pensar na trajetória das estudantes negras nas universidades públicas ressaltando as questões de acesso e a permanência, é lembrar, também, daquelas que vieram antes e abriram caminho sendo pioneiras e protagonistas, e, para além disso, é questionar o porquê delas não aparecem nos livros de história. A invisibilidade da mulher negra na sociedade é histórica, estando presente também na academia, sendo uma forma de comunicar que aquele espaço não as pertence. (ALCÂNTARA; JÚNIOR, 2020, p.132)

Justamente pela causa da luta das mulheres pelo Movimento Feminista Negro que muitos paradigmas vem sendo quebrados. Podemos ver mulheres negras em profissões que não se resumem a serviços, ocupando seus devidos lugares e tornando-se pessoas de referência e de representatividade social.

RESULTADOS

Com este estudo percebe-se a pouca incidência de mulheres negras na graduação, sejam elas por questões estruturais de acesso e/ou pela desigualdade social. Assim, o trabalho do Feminismo Negro ainda



está longe de cessar, lutando cada dia para colocarem mulheres negras em posições de direito que suas ancestrais não puderam ocupar.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Monalisa Silva de; JÚNIOR, Paulo Roberto da Silva. Uma investigação sobre as trajetórias de mulheres negras na universidade pública. **Revista AMazônica**: UFAM, Manaus, v.25, n.2, p.127-163, jul-dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/7767/5454>. Acesso em: 25 out. 2022.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, São Paulo, v.17, n.49, p.117-132, nov. 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948/11520>. Acesso em: 25 out. 2022.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras brasileiras: de Bertioga a Beijing. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, v.3, n. 2, p.446-459, jan. 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16459/15033>. Acesso em: 26 out. 2022.

VAZ, Aline Beatriz Alvarenga Albino. MARÇAL, Mara Sales. A negra forte que se é: narrativas de mulheres negras sobre suas transformações sociais e pessoais a partir da inserção universitária. **Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais**, Minas Gerais, v.5, n.10, p.79-100, mar. 2020 Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/22331/17934>. Acesso em: 24 out. 2022.